

## **Protagonistas na Música: Um Estado da Arte Inicial e o Mapeamento de Coletivos de Mulheres na Cena Musical de Porto Alegre<sup>1</sup>**

Gabriela Cleveston GELAIN<sup>2</sup>

Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP

### **RESUMO**

O presente artigo trata-se de uma pesquisa exploratória acerca de um mapeamento de cinco coletivos organizados por mulheres feministas envolvidas com música na cidade de Porto Alegre. Partimos de uma revisão bibliográfica sobre o tema e desenvolvemos um estado da arte inicial a partir das palavras-chave “mulheres”, “feminino”, “feminismo”, “música” e “consumo” com o uso de Operadores Booleanos, onde apreendemos não existir um número considerável de produções sobre tais temáticas na área da Comunicação. Sobre os coletivos analisados, identificamos que a partir do surgimento do Girls Rock Camp Porto Alegre foi estimulada uma rede de fortalecimento e iniciativas de mulheres na música, uma vez que houve o contato e reconhecimento entre musicistas e sujeitas envolvidas neste campo na capital gaúcha.

**PALAVRAS-CHAVE:** mulheres; música; feminismo; cenas musicais; estado da arte.

### **1. INTRODUÇÃO**

O presente artigo tem como objetivo fazer um mapeamento inicial dos coletivos de mulheres na música em Porto Alegre atuais, uma cena que tem conquistado visibilidade (Foster, 2018; Ferreira, 2018) em um campo social majoritariamente masculino e sexista. De acordo com Simon Frith e Angela McRobbie (2005), qualquer análise sobre a sexualidade atrelada ao *rock and roll*, por exemplo, deve começar com o fato social de que, nos termos de controle e produção, o rock é voltado a um padrão determinado pelos homens, tendo sido sempre um negócio organizado por eles, não por elas. Ou seja, músicos populares, escritores, criadores, técnicos, engenheiros e produtores são, em sua maioria, homens, tomando a realidade dos autores e da época em que escrevem.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 7 - Comunicação, Espaço e Cidadania do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Doutoranda em Comunicação e Práticas de Consumo pelo PPGCOM ESPM/SP, com apoio de bolsa CAPES. Mestra em Comunicação pela Unisinos e jornalista pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Pesquisadora no grupo de pesquisa Juvenália (PPGCOM ESPM). Integra a equipe Kismif Conference em Portugal. E-mail: gabrielagelain@gmail.com

---

Ao longo dos anos de 2015 e 2017, desenvolvemos uma pesquisa na área da Comunicação sobre o movimento das mulheres na subcultura punk feminista no Brasil (Gelain 2017), onde percebemos que as produções que visam uma mudança social, focadas nas pautas do interesse de mulheres não recaem apenas sob esta cena musical: as reivindicações feministas na música estão no Rap (Mazer, Gelain e Guerra, 2018), no Funk, na Música Eletrônica, no Folk, na Música Clássica, nos Festivais de Rua, no Carnaval, em Festas e em Saraus e Slams de poesia, por exemplo.

Para compreender a lacuna dos estudos sobre mulheres na música na Comunicação e refletir no desenvolvimento desta pesquisa exploratória sobre os coletivos musicais femininos, desenvolvemos neste artigo um estado da arte inicial com o uso de Operadores Booleanos<sup>3</sup> a partir da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e no Portal de Livre Acesso à Produção em Ciências da Comunicação.

## **2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA: MULHERES, FEMINISMO E MÚSICA**

Com as contribuições das feministas e suas pautas e teorias é possível pensar nos sujeitos envolvidos nos processos da Comunicação não mais apenas enquanto receptores e usuários desta, mas sim carregando potencialidades para utilizar as tecnologias em suas produções diárias, usando a conexão de redes, procurando e encontrando espaço de respostas e de participação. Assim, a perspectiva feminista dos novos sujeitos “oxigena o campo da comunicação, pois abre caminhos a uma abordagem da diferença e possibilita aos sujeitos ações de performatividade para re-criar criativamente certas normas constituídas e reiteradas verticalmente” (Olívia-Melo, 2012, p.10).

Desde os primórdios da Revolução Francesa, no século XVIII, é possível identificar mulheres que lutaram por seu direito à cidadania e por uma existência fora da casa, único lugar em que tinham algum tipo de reconhecimento como esposas e mães. No entanto, o feminismo surge no século XIX enquanto movimento social que defende igualdade de direitos e status entre homens e mulheres. Inicialmente, pautavam o

---

<sup>3</sup> Os operadores booleanos são uma série de comandos que ajudam a refinar a busca por conteúdos específicos. Disponível em: <https://tinyurl.com/ycvuyhma> Acesso em 20/08/18.

---

enfrentamento ao conservadorismo que excluía as mulheres da esfera pública (como a negação do direito ao voto e à cidadania), ao mesmo tempo em que tocavam em questões para além desta igualdade na política, ou seja, buscavam a emancipação da mulher, criticando a opressão de gênero. Assim, as relações de gênero atravessam toda a sociedade, seus impactos e sentidos são parte de um dos eixos que organizam as nossas experiências enquanto sujeitos no mundo (Pinto, 2010; Alves e Pitanguy, 1991; Biroli e Miguel, 2014; Connel e Pearse, 2015).

As feministas se organizaram em diversos países, originando diversas vertentes de feminismo, como as marxistas, as liberais, as materialistas, as lésbicas e as interseccionais. Além disso, três ondas compõem a história do movimento feminista, e há vertentes sobre o chamado “pós-feminismo” e também o ciberfeminismo. Como já colocam as teorias pós-feministas, a mulher contemporânea é uma mulher complexa, que não abdica das conquistas modernas, mas ao mesmo tempo recicla-se, trazendo novas entonações para valores tradicionais.

Hoje, o feminismo como “movimento” voltou a ocupar lugar de notoriedade na mídia, na política, em debates públicos e dentro de grupos culturais juvenis (Coruja, 2018). Stuart Hall (1996), considerado um dos precursores dos Estudos Culturais, apontou o feminismo como uma das rupturas teóricas decisivas que alterou uma prática acumulada no referido campo, motivando a reorganização dele. Segundo o autor, o feminismo motivou a abertura para o entendimento do âmbito pessoal como político e suas consequências na construção do objeto de estudo dos Estudos Culturais; a expansão da noção de poder que, embora bastante desenvolvida, tinha sido apenas trabalhada no espaço da esfera pública; e a centralidade das questões de gênero e sexualidade para a compreensão da própria categoria “poder”.

Em nosso país, o feminismo brotou inspirado especialmente por aquele que se consolidava nos Estados Unidos e algumas partes da Europa, no entanto com outra temporalidade e especificidades ao contexto brasileiro. Nos anos 1980, porém, paralelamente ao processo de abertura política, o movimento feminista brasileiro desponta como “jovem” e foi reforçado pela mídia com a sexóloga Marta Suplicy, onde questões sobre aborto, sexo e sexualidade foram debatidas (Bramorski, 2015). Em 2018,

---

as pautas feministas estão muito visíveis no Brasil, a partir das discussões sobre o feminicídio, o aborto, o trabalho, a sexualidade e os direitos das mulheres.

Uma das maiores visibilidades do feminismo brasileiro ocorre hoje através dos protestos contra o Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro (Partido Social Liberal). Durante as eleições, milhares de mulheres realizaram o manifesto intitulado “#EleNão”<sup>4</sup> nas ruas de diversas cidades brasileiras e também em outros países. Iniciado em 29 de setembro, o #EleNão foi a maior manifestação de mulheres da história do Brasil, onde cerca de 100 mil pessoas se reuniram no Largo da Batata, em São Paulo (SP), e 25 mil na Cinelândia, no Rio de Janeiro (RJ) (Rossi et.al, 2018). Em Porto Alegre, a Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC) estimou que pelo menos 25 mil pessoas participaram da mobilização. Ao longo do estudo exploratório para este artigo, o coletivo As Batucas, apesar de se denominar feminista não divulgou nada a respeito de sua posição política; já o bloco de carnaval “Não Mexe Comigo Que Eu Não Ando Só” fez vídeos e participou de mobilizações contra Bolsonaro.

De acordo com Guerra (2010), foi a partir dos anos 90 (ou seja, quando a o movimento de mulheres na música *Riot Grrrrl* tem início) que o conceito de “cena” começou a ser disseminado e de fato assumido nas pesquisas acadêmicas e análises sociológicas, sendo usado por antropólogos, sociólogos e geógrafos com interesse em pesquisar espaços de produção e consumo essencialmente musicais. Janotti (2012, p.2) propõe a perspectiva de que as cenas musicais são “enquadramentos sensíveis que permitem, através de disputas e negociações, afirmar territórios sonoros, ou seja, circunscrições de experiências e consumos culturais, articulados por sonoridades e pelo modo como elas circulam”.

Com relação à história da música e as questões de gênero, as produções, composições e performances masculinas levaram destaque com relação ao que as mulheres produziam. Assim, entre os itens destacados em pesquisas sobre a música popular e do feminismo, estão os estudos a respeito da presença feminina na indústria

---

<sup>4</sup> Além disso, em março de 2014, surgiu uma das primeiras hashtags feministas nacionais, a #NãoMereçoSerEstuprada; em 2015, surgiram as hashtags e movimentos #PrimeiroAssédio e #MeuAmigoSecreto. E no final de 2017, o #MeToo viralizou fora do Brasil e também surgiu no país (ROSSI et al., 2018, Online).

fonográfica e, principalmente, sobre as práticas das musicistas e demais mulheres envolvidas com a música enquanto arte que lutaram contra as conjecturas patriarcais (Shuker, 1999). Essas práticas foram analisadas a partir de seus processos comunicativos no contexto da sociedade de consumo contemporânea, como por exemplo, a partir das produtoras e/ou consumidoras de música, que colaboraram para o desenvolvimento dos modos de disseminação, ingresso e execução da música e de ideias feministas nos meios em que participam, especialmente nas subculturas musicais (Mazer, 2017).

No tocante à história da música popular, as mulheres foram mais consumidoras do que produtoras musicais, e principalmente reconhecidas enquanto fãs, um público seguidor das bandas compostas por homens (Bayton, 2004). Hoje, de acordo com a pesquisa do coletivo Sonora Soma (SP), a presença de artistas mulheres nos *lineups* de festivais de música ocorridos no Brasil em 2017 foi de, no máximo, 20,8% (Fonseca, 2018).

Frith e McRobbie (2005) afirmam que, ainda que as mulheres tenham conquistado espaço no mercado de trabalho, os papéis criativos iniciados por mulheres apresentam-se limitados e mediados por um viés dos homens. Além disso, segundo os autores, algumas feministas argumentam que o estilo musical rock é essencialmente uma forma de expressão masculina, e que para as mulheres produzirem músicas não sexistas seria necessário usar sons, estruturas e estilos que não soem como o rock. Isso estimula uma reflexão sobre o rock, e a respeito de como os seus formatos e seu conteúdo podem estar vinculados a modos de dominação masculina.

É necessário, portanto, entender e analisar a música como um modelo complexo de expressão que envolve na combinação de som, ritmo, letra, performance (Amaral et. al, 2018) e imagem. Embora as mulheres tenham conquistado espaço no mercado de trabalho atual, os papéis criativos femininos (ainda) são limitados e mediados pelas noções masculinas, onde a imagem da habilidade feminina é construída pelo homem. Desta forma:

Olhando para a música popular como um todo, as mulheres têm sido mais consumidoras do que produtoras de música: o papel principal para as mulheres é o de fãs. Mulheres artistas têm sido mais

---

proeminentes no “pop” comercial e “folk” do que no “rock”, mas seu lugar em todos estes mundos tem sido predominantemente de vocalistas ao invés de instrumentistas. E onde as mulheres têm sido instrumentistas, elas tendem a ser tecladistas. Enquanto as mulheres escritoras e cantoras de “folk” têm tocado violão, a guitarra elétrica (certamente o instrumento que mais sintetiza o “rock”) foi deixada nas mãos de meninos (BAYTON, 2004, p. 270).

Porém, sempre é preciso considerar, como Mazer (2017), que a apreciação musical se relaciona com as práticas sociais, políticas culturais e econômicas, e que este tipo de consumo tange questões materiais e imateriais, midiáticas e culturais. O consumo musical é uma forma de consumo cultural que serve não apenas para reforçar “modelos”, mas também para manifestar resistências, expressar identidade, vínculos afetivos, produzir conteúdos, novos usos e práticas multimidiáticas, possibilidades de ação política e ativismos mesclado com o entretenimento. Nos coletivos de mulheres na música em Porto Alegre, percebo que manifestam-se, de fato, vínculos de colaboração em prol do feminismo, de iniciativas mescladas ao *Do It Yourself*<sup>5</sup>, de solidariedade, mas também de dissidências (Gelain, 2017).

Hoje, a juventude experimenta transformações nas fronteiras entre produtores e consumidores nos campos da tecnologia, da música e outras formas de arte, como mudança de empregos formais e atividades mais conectadas ao que lhes importa no campo do entretenimento, das artes das tecnicidades e da cultura, onde os ativismos artísticos e culturais se vinculam aos sentidos políticos de suas ações. A prática *Do It Yourself* atualmente parece ter se renovado, "passeando pelo berço garageiro estadunidense das corporações tecnológicas, até chegar a uma já não rara aproximação entre a lógica empreendedora – em seus primórdios, tipicamente neoliberal – e determinadas propostas ativistas" (Rocha e Pereira, 2017, p.168).

Com relação à bibliografia existente, tanto nos trabalhos sobre juventude quanto nos estudos feministas, há uma lacuna no que diz respeito à participação de mulheres nas (sub)culturas juvenis. Para alguns pesquisadores da juventude, tais modos de expressão estão voltados ao consumo de produtos de grupos (*boy bands*) e isso pode ter sido um

---

<sup>5</sup> Corporificação do espírito *punk*, ou seja, não dependa de ninguém para fazer na cena, faça você mesmo(a). DIY é uma filosofia que abarca a ideia de simplesmente “sair e fazer”, ou, como popularmente é expresso no mundo *underground*, a ideia do “Faça Você Mesmo”, ou a ética *Do It Yourself*, surgiu da necessidade de construir, de criar algo dentro do movimento *punk*. (DUNCOMBE, 1997).

uma das razões que levaram pesquisadores a darem pouca atenção à participação feminina nas culturas juvenis (Weller, 2005). Para a autora, parte das investigações sobre preferências musicais, estéticas corporais e vestuário foram em grande parte desenvolvidas a partir de questionários e observações com pessoas do gênero masculino. Entretanto, este é um olhar que aos poucos vem sendo ampliado, principalmente a partir de autoras que questionam essa ênfase masculinista, como McRobbie (1980, 1991), Weller (2005), Mazer (2017), Gelain (2017), entre outras.

### **2.3 COLETIVOS DE MULHERES NA MÚSICA EM PORTO ALEGRE: UM MAPEAMENTO INICIAL**

Ao longo de 2018, percebemos uma movimentação com relação ao circuito musical de mulheres na cidade de Porto Alegre. Dentro deste, mapeamos cinco grupos (coletivos) envolvidos com produção musical na capital e procuramos observar suas interações presenciais e online, que deverão ser aprofundadas a frente no andamento da pesquisa. Tais grupos praticam engajamentos feministas através de processos comunicativos que se dão presencialmente (em shows, eventos na rua) e virtualmente (via whatsapp, instagram e Facebook):

**a) “As Batucas, Orquestra Feminina de Bateria e Percussão”:** Fundado em 2015, é o primeiro grupo de percussão e bateria formado exclusivamente por mulheres em Porto Alegre. Foi idealizado por Biba Meira, considerada pelo público e pela crítica musical<sup>6</sup> como uma das melhores bateristas brasileiras. Em 1987, foi escolhida pela crítica nacional, através da revista musical BIZZ, a segunda melhor instrumentista do ano. A musicista tocou com bandas como DeFalla, Wander Wildner, Edgard Scandurra, Justine, As Gurias, entre outros. Biba afirma que “Quis reunir o rock com o funk, o jazz com o samba, o olodum com o ijexá, o reggae com outros ritmos”. São mulheres de todas as idades, diferentes maneiras de pensar e agir, diferentes feminismos (...) A diversidade faz parte das Batucas<sup>7</sup>. No mesmo vídeo, Biba relata que iniciou este projeto porque suas alunas de bateria se apresentavam uma vez ao ano, quando seus

<sup>6</sup> <http://www.relicariodorockgaucho.com/01-06-1988/> Acesso em 20/09/18.

<sup>7</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=aEdqjPv4P7E&t=3s> Acesso em 20/09/18.

---

alunos (homens) tinham bandas, eram ativos, e ela também sempre cresceu cercada de homens em todas as esferas no universo musical. Em 2019, Biba venceu o Prêmio Açorianos Música na categoria melhor instrumentista.

b) **“Não Mexe Comigo Que Eu Não Ando Só”**, coletivo e bloco de carnaval feminista, formado por 80 mulheres que ensaiam e se apresentam ao longo de todo o ano na cidade de Porto Alegre: “Tocamos tambores, sopros, cordas, chocalhos, agogôs, tamborins, cantamos. Tocamos terror. Somos fortes, somos muitas. Somos uma só pois não estamos sós<sup>8</sup>”; O grupo se reúne ao longo de todo o ano para ensaios e apresentações.

c) **“Projeto Concha”**, projeto idealizado no início de 2018 pela produtora Alice Castiel, a iniciativa promove todo mês shows nacionais e locais que destacam o trabalho de mulheres compositoras, e os shows acontecem na casa noturna Agulha, perto da Estação São Pedro. Além disso, este projeto vem promovendo oficinas para o público de mulheres que se interessa, em por exemplo, iluminação de palco, composição sonora.

d) **“Girls Rock Camp Porto Alegre (GRC)”<sup>9</sup>**: Acampamento (e coletivo) com foco na cooperação feminina para garotas de 7 a 17 anos. A ideia principal do GRC é que o universo da música, mais as questões de gênero, sejam integrados e que, ao mesmo tempo, apontem estratégias positivas para aumentar a autoestima de garotas. O acampamento acontece desde janeiro de 2017 em Porto Alegre, sendo planejado desde o final de 2015 e é organizado por um coletivo de mulheres musicistas e simpatizantes do protagonismo feminino na música. Neste coletivo, há a defesa do feminismo interseccional, onde há a ênfase nas diferentes: raça, classe, idade, contexto social e também são aceitas garotas transexuais para integrar o acampamento. Entre as voluntárias, são aceitas mulheres cis e trans e que sejam maiores de idade.

e) **Batalha das Monstras**: Batalha de Rap que acontece no centro da capital, entre mulheres jovens. O encontro acontece sempre no primeiro e no terceiro sábado no mês, na praça XV ou no terminal Parobé, em caso de chuva, e as inscrições

---

<sup>8</sup> [https://www.facebook.com/pg/naomexecomigoqueeuaoandoso/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/naomexecomigoqueeuaoandoso/about/?ref=page_internal) Acesso em 20/09/18.

<sup>9</sup> Participamos de duas edições do GRC em Porto Alegre, que teve a sua terceira edição em janeiro de 2019. Gelain foi além de voluntária, uma pesquisadora insider também neste grupo.

---

começam às 17h. "A Batalha das Monstras é solo fértil onde plantamos o que há de melhor dentro de cada uma".<sup>10</sup>

Ao longo do mestrado, Gelain (2017) participou de reuniões do Girls Rock Camp, e imergiu na cena dos coletivos de mulheres na música. Através desta imersão, conheceu várias musicistas, *roadies*, técnicas de som, coordenadoras de projetos, casas de shows, diversas mulheres envolvidas com música e também feministas. Algumas reportagens<sup>11</sup> surgiram, ao longo do ano de 2017 e 2018, sobre a autonomia das mulheres na música em Porto Alegre, e demonstram que este acampamento foi um ponto de encontro de mulheres na música. Consequentemente, os GRC não são apenas acampamentos diurnos musicais, são programas que apresentam uma comunidade de mulheres que resistem ativamente a sua subordinação cultural e trabalham para promover uma mudança social. Por conseguinte, os GRC apresentam uma nova estratégia para perspectivar, às mulheres adultas, a continuidade na subcultura, uma vez que essas detêm legados e aprendizados que devem ser passados adiante. As voluntárias dos acampamentos fundem sua motivação pessoal com o desejo de ajudar outras gerações de *riot grrrls* e estimular o envolvimento com suas cenas musicais, através de história da música das mulheres, aulas feministas e produções *Do It Yourself* (Gelain, 2017; Shilt e Giffort, 2012; Guerra, Bittencourt e Gelain, 2018).

### 3. ESTADO DA ARTE INICIAL: MULHERES, MÚSICA, FEMININO E CONSUMO

Com relação à síntese do início da pesquisa da pesquisa, formulamos, ao longo do mês de Setembro de 2018, combinações de palavras com a ajuda de Operadores Booleanos para abranger os temas ligados à pesquisa que proponho: “**Música**”, “**Mulheres**”, “**Feminino**” e “**Consumo**”. O levantamento foi realizado no repositório da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDBTD), no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

---

<sup>10</sup> Instagram da Batalha das Monstras @batalhadasmonstras  
<https://www.instagram.com/p/Bw3fXzPhDEx/> Acesso em 03/05/19.

<sup>11</sup>  
<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/musica/noticia/2018/03/mulheres-formam-pulsante-cena-musical-de-porto-alegre-cjf7b85w3009701phavujwf8g.html> Acesso em 20/10/18.

---

(Capes), e no Portal de Livre Acesso à Produção em Ciências da Comunicação (Portcom). Assim, “Realizar pesquisa da pesquisa implica trabalhar concretamente com investigações produzidas no campo (e em áreas de interface) relacionadas ao problema/objeto, para fazer desta produção elemento ativo na sua elaboração” (Bonin, 2008, p. 123). Neste primeiro movimento, não estipulamos um intervalo de datas para ter um resultado mais abrangente e identificar em que períodos as pesquisas pertinentes ao meu projeto de pesquisa de tese foram intensificadas.

A busca com os termos "**Feminino e Música**" apresentou como resultado quatro trabalhos na BDBTD (de 2009 a 2013), entre eles uma tese<sup>12</sup> que indica gênero, raça/etnicidade, sexualidade, geração e classe como categorias analíticas relevantes para construir uma teoria musical sob uma perspectiva feminista. Com relação à música, especificamente, Lühning (2009) se interessou mais por sonoridades e expressões, discursos musicais e corpóreos do que nas estruturas musicais e rítmicas. Sua tese aborda, também, representações do feminino, performances e relações de gênero e poder no culto de um terreiro. Já na Capes, encontramos 11 dissertações e nenhuma tese na área da Comunicação (de 2002 a 2017) e apenas dois artigos no Portcom (de 2003 a 2017). Neste último, apesar dos artigos falarem em gênero relacionando-o à performance musical e à crítica do corpo das mulheres na mídia através da música, não identificamos, nas referências bibliográficas, autores que focados em discutir “gênero e feminismo”.

Quando pesquisamos por “**Mulheres e Música**”, encontramos oito trabalhos na BDBTD (de 1998 a 2018), entre eles uma tese<sup>13</sup> da área de Educação, de 2011, em que a autora se propõe a analisar a produção escrita por mulheres sobre música durante a primeira metade do século XX no Brasil, com a metodologia da discussão bibliográfica, o uso de fontes documentais e análises comparativas. No Portcom obtivemos zero resultados, e na Capes 19 trabalhos na área da Comunicação (de 2001 a 2017), entre

---

<sup>12</sup> LÜHNING, Angela Elisabeth. As juremeiras da nação Xambá (Olinda, PE): músicas, performances, representações de feminino e relações de gênero na jurema sagrada. Tese (Doutorado em Música) - PPGMUS, Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2009. 359f.

<sup>13</sup> IGAYARA-SOUZA, Susana Cecília Almeida. Entre palcos e páginas: a produção escrita por mulheres sobre música na história da educação musical no Brasil (1907-1958). Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011. 356f.

eles duas teses, sendo que apenas uma vinculada ao tema da música. Já ao pesquisarmos por “**Consumo e Música**”, obtive nove resultados na BDBTD (de 1996 a 2017), incluindo duas teses nas áreas da Psicologia e da Sociologia, e uma dissertação na Comunicação<sup>14</sup>. Na Capes, encontrei 105 trabalhos, entre eles 23 teses e 77 dissertações defendidas entre 2003 e 2018. No Portcom, localizamos 18 artigos (publicados entre 2006 a 2014) que recorrentemente abordam temáticas sobre as práticas de produção, circulação e consumo de música nos meios digitais e, ainda, sobre os negócios e alterações nos mercados da indústria fonográfica a partir do início da Internet. Entretanto, segundo as percepções de pesquisa de Mazer (2017, p.61), “hoje as discussões sobre música no campo da Comunicação giram em torno dos estilos e sociabilidades juvenis, apropriações culturais e midiáticas, gêneros musicais e territórios, cenas culturais e identidades”. No entanto, após realizarmos as buscas sentimos a necessidade de pesquisar também por “**Feminismo e Música**”. Foram localizados quatro trabalhos publicados de 2010 a 2017 na História, Teologia e em programas de estudos interdisciplinares) na BDBTD, entre eles duas dissertações e duas teses; e nenhum trabalho no PortCom. Na Capes o resultados da busca remeteu a três dissertações na área da Comunicação (realizadas entre 2014 a 2017): uma sobre a subcultura feminista Riot Grrrl<sup>15</sup>, uma sobre mulheres gamers e outra<sup>16</sup> sobre feminismo e representações nos grupos de fanfarras cariocas.

#### 4. CONCLUSÃO

O *Rockn'roll* é um dos gêneros musicais onde percebemos os engajamentos feministas de mulheres na música, como na subcultura punk feminista chamado Riot Grrrl (Gelain, 2017; Guerra, Gelain e Moreira, 2017; Olívia-Melo e Gelain, 2018). No

---

<sup>14</sup> ABEICHE, Daniel Pala. Comunicação e consumo de música no ciberespaço: o papel do usuário de redes sociais na distribuição e compartilhamento de músicas. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. 119 f.

<sup>15</sup> GELAIN, Gabriela Cleveston. *Releituras, Transições e Dissidências da Subcultura Feminista Riot Grrrl no Brasil*. 2017. 177 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação), Universidade Federal do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

<sup>16</sup> DIAS, Flávia Thaís Sobrinho Souza. *Feminismos nas Fanfarras de Rua Carioca: os estudos de caso do bloco Mulheres Rodadas e da brass band Damas de Ferro*. Dissertação (Mestrado) - Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. 145f.

---

entanto, atualmente, compreendemos que as musicistas da capital gaúcha parecem abrir seu repertório para outras vivências musicais, dialogando com outras mulheres em prol de uma sororidade. A Terceira Onda do Movimento Feminista surge em 1990, ao mesmo tempo que o Riot Grrrl explodia em São Paulo, em 1995. Questionamos se essa subcultura e grupo de mulheres reverberaram e inspiraram outras a também engajarem-se através da música, não se restringindo a um estilo e ocupando espaços públicos como nas orquestras e batuques (a exemplo do grupo “As Batucas”), músicas de protesto, eventos de cooperação feminina (GRC Porto Alegre), eventos de música (Projeto Concha), no rap e nas batalhas de rimas (como a “Batalha das Monstras”), nos festivais onde há bandas de metal extremo tocando com bandas de música folk (como o “Festival Vênus em Fúria”), todos acontecendo em Porto Alegre.

Visualizamos que dentro desses coletivos da cena musical de mulheres na capital gaúcha, um dos pontos que mais estimularam as iniciativas na cidade parece ter sido o Girls Rock Camp Porto Alegre. A partir deste evento, composto por voluntárias, muitas musicistas e mulheres envolvidas com produção musical e artística foram apresentadas entre si, formando bandas e outras redes que inspiraram novos projetos, festivais (como o Vênus em Fúria), desenvolvimento de documentários (como o Música com M de Mulher<sup>17</sup>) em Porto Alegre, as musicistas (entre elas produtoras, técnicas de som, roadies, mestres de cerimônia, rappers entre outras que compõem os grupos) compartilham suas vivências para impulsionar outras iniciativas de mulheres na música e no feminismo, realizações que reconheçam e estimulem o fortalecimento de uma rede feminina em prol da sororidade.

Deste modo, essas distintas sonoridades, ritmos e melodias parecem estabelecer uma nova forma de participação política e cultural. Percebemos distintos estilos musicais (samba, rock, folk, jazz) que se mesclam ao longo dos eventos e encontros destas mulheres, e a música é um dos instrumentos que utilizam para dar força e visibilidade a outras artistas e ao seu público feminino. Nos encontros destes coletivos, muitas vezes há também a venda de produtos como cosméticos naturais e veganos, ilustrações, brechó e estamparia de camisetas, peças artesanais, artes visuais e grafite,

---

<sup>17</sup> <https://www.instagram.com/musicammulher/> Acesso em 05/05/19.

---

oficinas, que remetem à prática do movimento punk *Do It Yourself* inspirada nas Riot Grrrls, as punks feministas – que no Brasil, afirmam como um *ethos* Faça Você Mesma.

Com relação ao Estado da Arte, no que se refere às teses e dissertações procuradas pelas palavras chave “Mulheres”, “Feminino”, “Música” e “Consumo” com a ajuda de Operadores Booleanos, percebemos não haver muitas produções a respeito da relação entre mulheres e música na área da Comunicação. Quando o foco das pesquisas recai nessas temáticas, a produção em programas de pós-graduação como Música, Letras, Educação, História, Sociologia e Antropologia destacam-se.

Ainda com relação ao mapeamento dos coletivos em Porto Alegre, começamos a nos questionar sobre qual feminismo elas estão falando e as práticas que o circundam, uma vez que há uma multiplicidade de identidades nos movimentos feministas e nas práticas ativistas. Além disso, as mulheres que integram esses coletivos possuem diferentes idades, classes sociais, capital cultural, capital econômico, trajetórias, acesso a certos espaços sociais e tais diferenças devem ser levadas em conta para o desenvolvimento de pesquisas futuras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Adriana; SOARES, Thiago; Polivanov, Beatriz. Disputas sobre performance nos estudos de Comunicação: desafios teóricos, derivas metodológicas. *Intercom – RBCC*, São Paulo, v.41, n.1, p.63-79, jan./abr. 2018

BAYTON, Mavis. Women and the electric guitar. In: FRITH, Simon. *Popular music: critical concepts in media and cultural studies*. London: Routledge, 2004.

BIROLI, Flávia e MIGUEL, Luis Felipe. *Feminismo e Política: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 2014.

BONIN, Jiani. Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação. *Revista FAMECOS*, v. 37, p. 121-127, 2008.

BRAMORSKI, Natascha. A. B. Riot Grrrls! Histórias nas Américas: Dos EUA ao BR, através de cabos de som e de rede. CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DO ROCK, 2., Cascavel. *Anais...* Cascavel: UNIOESTE, 2015.

CANCLINI, Nestor. *Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. *Gênero: uma perspectiva global*. São Paulo: nVersos, 2015.

CORUJA, Paula. Comunicação e Feminismo: um panorama a partir da produção de teses e dissertações do campo da Comunicação entre 2010 e 2015. *Revista Ártemis*, vol. XXV nº 1; jan-jun, 2018. pp. 148-162

DUNCOMBE, Stephen. *Notes from the underground: zines and the politics of alternative culture*. New York: Verso, 1997.

FERREIRA, Clarissa. A autonomia das mulheres na música em Porto Alegre. *Jornal Sul21*, 25 jan. 2018. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/colunas/clarissa-ferreira/2018/01/autonomia-das-mulheres-na-musica-em-porto-alegre/> Acesso em: 03 de junho de 2019.

FERRERO, Clara. O vocabulário feminista que todos já deveriam estar dominando em 2017. *El País*, 2017. [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/10/cultura/1499708850\\_128936.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/10/cultura/1499708850_128936.html) Acesso em: 18 de set. de 2018

FONSECA, Gracielle. O Mada é delas: Equidade de Gênero em Festivais Brasileiros. *Festivalando*, 2018. <https://festivalando.com.br/equidade-de-genero-em-festivais-brasileiros/> . Acesso em: 3 de set. de 2018.

FOSTER, Gustavo. Mulheres formam pulsante cena musical de Porto Alegre. *Jornal Zero Hora*, Gaúcha ZH, Porto Alegre, 23. mar. 2018. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/musica/noticia/2018/03/mulheres-formam-pulsante-cena-musical-de-porto-alegre-cjf7b85w3009701phavujwf8g.html> Acesso em: 03 de junho de 2019.

FRITH, Simon; MCROBBIE, Angela. Rock and sexuality. In: FRITH, S.; GOODWIN, Andrew. *On the record: rock, pop and the written word*. New York: Taylor & Francis e-Library, 2005.

GELAIN, Gabriela Cleveston. *Releituras, Transições e Dissidências da Subcultura Feminista Riot Grrrl no Brasil*. 2017. 177 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação), Universidade Federal do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

GELAIN, Gabriela. Herstory, elementos preliminares da trajetória de investigação de uma riot grrrl. *IS Working Papers* - Institute of Sociology of the University of Porto, v. 3, p. 1-27, 2017.

GELAIN, Gelain; AMARAL, Adriana. Girls Rock Camps no Brasil: continuidade subcultural e presença Riot Grrrl. *IS Working Papers*, v. 1, p. 1-18, 2017.

GUERRA, Paula ; GELAIN, Gelain ; MOREIRA, Tania . Collants, Correntes e Batons: Gênero e Diferença na Cultura Punk em Portugal e No Brasil. *Lectora: revista de dones i textualitat*, v. 1, p. 13-34, 2017.

GUERRA, Paula ; BITTENCOURT, Luiza; GELAIN, Gabriela. Chapter 3 Punk Fairytale: Popular Music, Media, and the (Re) production of Gender. *Advances in Gender Research*, v. 1, p. 1, 2018.

---

GUERRA, Paula Maria Tavares. *A instável leveza do Rock: Gênese, dinâmica e consolidação do rock alternativo em Portugal (1980-2010)*. Volume I. Dissertação de Doutorado orientada por Dr. Augusto Ernesto Santos Silva. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, 2010.

HALL, Stuart. Cultural studies and its theoretical legacies. In MORLEY, D.; CHEN, K. (Orgs.). *Stuart Hall - Critical Dialogues in Cultural Studies*. London: Routledge, 1996 [1992]. p. 262-275.]

MAZER, Dulce Helena. *Racionalidades do Consumo Musical: Práticas Culturais Juvenis na Cena Rap Porto-Alegrense*. 2017. 246 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, UFRGS, Porto Alegre.

MAZER, Dulce; GELAIN, Gabriela; GUERRA, Paula. Eu sou MC: participação coletiva e plural de mulheres em cenas musicais Rap. In: *anais do II Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais*, 2018, São Leopoldo. II Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais, 2018.

McROBBIE, Angela. *The Aftermath of Feminism: Gender, culture and social change*. Londres: Sage, 2009.

OLIVIA-MELO, Camila; GELAIN, Gabriela. Zines do Oceano Atlântico: subjetivação e experiência em auto-publicações do Rio de Janeiro- Brasil. *Working Papers*, v. 3, p. 1, 2018.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, História e Poder. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

ROCHA, Rose de Melo e PEREIRA, Simone Luci. Ativismos juvenis como artesanaria de uma outra democracia: comunicação, consumo e engajamento político. *C&S – São Bernardo do Campo*, v. 39, n. 3, p. 161-188, set./dez. 2017.

ROSSI, Amanda; DIAS CARNEIRO, Julia e GRAGNANI, Juliana. #EleNão: A manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil vista por quatro ângulos. *BBC News Brasil*, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013> Acesso em 16. Out. 2018.

SHUKER, Roy. *Vocabulário de música pop*. São Paulo: Hedra, 1999.

WELLER, Wivian. A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 216, jan./abr. 2005.